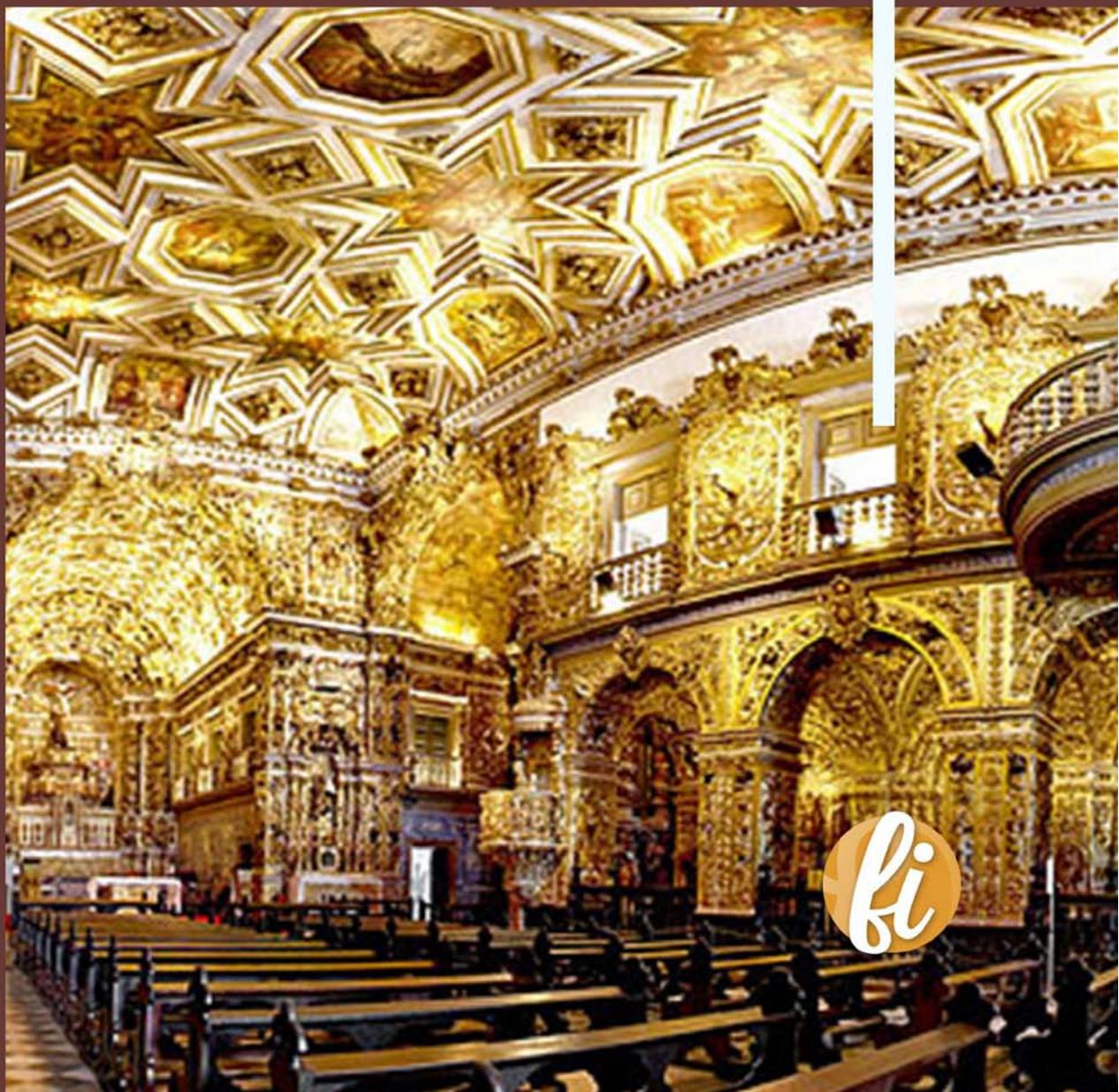


Vinícius Augusto Andrade de Assis  
Cláudio DeNipoti  
(ORG.)

# CULTURA e EDUCAÇÃO NO MUNDO IBÉRICO



Em texto intitulado “*Espaço de experiência*” e “*horizonte de expectativas*”: duas categorias históricas, o historiador alemão Reinhart Koselleck apresenta o *ofício de historiador* da forma mais sucinta possível. Segundo o autor, ao confrontar com vestígios do passado e transformá-los em fontes que dão testemunho às problemáticas originais (vivências, recordações, inquietudes, entre outras subjetividades), “o historiador sempre se movimenta por dois planos. Ou ele analisa os fatos que já foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desses vestígios”. Creio que textos aqui apresentados elucidam tais ferramentas em diferentes escalas; ferramentas de ofício, ofício de historiador! Esta publicação resulta do *V Colóquio Cultura e Educação no Mundo Ibérico*, realizado na Universidade Estadual de Londrina entre os dias 8 e 11 de novembro de 2021, em modalidade virtual. O evento propôs um intercâmbio entre pesquisadores voltados às instituições “ilustradas” e seus componentes, bem como suas relações com os quadros políticos, administrativos, econômicos, religiosos, educacionais, além da circularidade cultural pós surgimento da imprensa.

**Vinícius Augusto Andrade de Assis**

Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)



editora *fi*.org



## **CULTURA E EDUCAÇÃO NO MUNDO IBÉRICO**



# História, Cultura & Identidades

## DIRETORES DA SÉRIE

**Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves**  
Departamento de História, UEPG

**Profa Dra. Valeria Floriano Machado**  
Departamento de Teoria e Fundamentos da  
Educação-UFPR

## COMITÊ EDITORIAL CIENTÍFICO

**Prof. Dr. Cezar Karpinski**  
Departamento de Ciência da Informação/UFSC

**Prof. Dr. Charles Monteiro**  
Departamento de História, PUC-RS

**Prof. Dr. Cláudio DeNipoti**  
Departamento de História, UEL

**Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior**  
Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, UFPR

**Profa. Dra. Daniela Casoni Moscato**  
SEED PR

**Prof. Dr. Erivan Cassiano Karvat**  
Departamento de História, UEPG

**Prof. Dr. Fabio Nigra**  
Departamento de História, Universidad de Buenos Aires

**Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil Vázquez**  
Departamento de História, UEPG

**Prof. Dr. José Damião Rodrigues**  
Centro de História, Universidade de Lisboa

**Profa. Dra. Méri Frotscher Kramer**  
Departamento de História, UNIOESTE

**Profa. Dra. Patrícia Camera Varella**  
Departamentos de Artes, UEPG.

**Prof. Dr. Robson Laverdi**  
Departamento de História, UEPG

**Profa. Dra. Rosângela Wosiack Zulian**  
Departamento de História, UEPG

# **CULTURA E EDUCAÇÃO NO MUNDO IBÉRICO**

Organizadores

**Vinícius Augusto Andrade de Assis**  
**Cláudio DeNipoti**



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Carole Kümmecke

**Fotografia / Imagem de Capa:** Igreja e Convento de São Francisco em Salvador



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhalgual 4.0 Internacional [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

ASSIS, Vinícius Augusto Andrade de; DENIPOTI, Cláudio (Orgs.)

Cultura e Educação no Mundo Ibérico [recurso eletrônico] / Vinícius Augusto Andrade de Assis; Cláudio DeNipoti (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

179 p.

ISBN: 978-65-5917-522-2

DOI: 10.22350/9786559175222

**Disponível em:** <http://www.editorafi.org>

1. Cultura; 2. Educação; 3. Mundo Ibérico; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 900

---

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

# SUMÁRIO

## **APRESENTAÇÃO**

*Cláudio Luiz DeNipoti*

**9**

## **PREFÁCIO**

*Vinícius Augusto Andrade de Assis*

**11**

**1**

## **CULTURA ESCRITA EM PORTUGAL-BRASIL DE FINAL DO ANTIGO REGIME: ESCRITAS DE IMPÉRIO, AUTOGRAFIAS, SOCIABILIDADES**

*Justino Magalhães*

**15**

**2**

## **COMO PEDEM O SERVIÇO REAL E AINDA O DECORO DE VOSSA MAJESTADE: REPRESENTAÇÃO E VOCABULÁRIO POLÍTICO (PORTUGAL, SÉCULO XVIII)**

*Antonio Cesar de Almeida Santos*

**43**

**3**

## **LUZES ENTRE LIVROS: ILUSTRAÇÃO E CULTURA ESCRITA NO TERMO DA CIDADE DE MARIANA, MINAS GERAIS (1750-1822)**

*Pedro Ernesto Luiz Fosque Sanches*

**59**

**4**

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RECOLHIMENTOS FEMININOS DO PERÍODO MODERNO**

*Ana Cristina Pereira Lage*

**70**

**5**

## **E DESDE QUANDO MULHER LÊ NAS MINAS GERAIS? COMPOSIÇÃO DAS BIBLIOTECAS E PERFIL SOCIAL DAS PROPRIETÁRIAS. MARIANA. MINAS GERAIS (1754-1819)**

*Júlia Ferreira Matos*

**91**

**6**

**109**

**ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU: UMA ANÁLISE HAGIOGRÁFICA EM IMPRESSOS IBÉRICOS QUE DIVULGAVAM MODOS DE EDUCAÇÃO FEMININA, SÉCULOS XVII-XVIII**

*Fernando Ripe*

**7**

**129**

**FUNDAÇÃO DE SEMINÁRIOS, INSTRUÇÃO E RELAÇÕES DE PODER NO GRÃO-PARÁ E MARANHÃO: GABRIEL MALAGRIDA S.J., PRELADOS LOCAIS E O GOVERNO POMBALINO (1740-1761)**

*Thiago Gomes Medeiros*

**8**

**150**

**A CIRCULAÇÃO DOS SABERES MATEMÁTICOS NO SÉCULO XIX: O FORRO DO TETO DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS EM OURO PRETO (1801-1812)**

*Edson Junior dos Santos*

**9**

**168**

**PROFESSORES RÉGIOS E PARTICULARES NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS: PRÁTICAS EDUCATIVAS E LUGARES SOCIAIS (1740-1834)**

*Yasmin Grigório Silva*

# 6

## **ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU: UMA ANÁLISE HAGIOGRÁFICA EM IMPRESSOS IBÉRICOS QUE DIVULGAVAM MODOS DE EDUCAÇÃO FEMININA, SÉCULOS XVII-XVIII**

*Fernando Ripe*<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A partir do século XII, no Ocidente medieval, as hagiografias desenvolveram o tema da infância dos santos com a intenção de promover modelos exemplares de vivência e espiritualidade desde cedo nas crianças e jovens. Dada as devidas condições de possibilidades<sup>2</sup> que alavancaram a publicação de impressos nos principais centros urbanos da Europa, já no período Moderno, reinos como Portugal e Espanha apresentaram contínuo interesse editorial na difusão de obras que narravam a vida de sujeitos santificado. Tal disposição, decorre da vontade de um seletto público leitor, devotamente cristão-católico, para aprender os modos virtuosos, de crença, de piedade e de adoração ao universo miraculoso.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação (UFPel). Professor na Faculdade de Educação (FaE) e nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Educação Matemática (PPGEMAT) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Faz parte do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (Ceihe/UFPel) e do Cultura e Educação nos Impérios Ibéricos (CEÍbero/UFGM).

<sup>2</sup> Para a filósofa Marilena Chauí as nossas ações, condutas e escolhas são modeladas pelas condições que vivemos (CHAUÍ, 2000). Assim, as práticas sociais e culturais são historicamente determinadas pelos hábitos, costumes, valores considerados como bons e obrigatórios em um tempo e espaço específico. São condições que determinam a proliferação de um determinado discurso em detrimento de outros que não se encontram na ordem. Entre os séculos XVIII e XIX, determinadas condições – instauração da imprensa, taxa crescente de alfabetização, ampliação do mercado editorial, formação das grandes bibliotecas, circulação de livros, entre outros – possibilitaram, certa, “explosão” de um público capaz de consumir livros impressos (GOMBERG, 2006, p. 84).

Durante a produção de minha tese de doutoramento – defendida no ano de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) sob título *A constituição do sujeito infantil moderno na cultura impressa portuguesa do século XVIII* –, caracterizei a modernidade como sendo condição de possibilidade para a proliferação discursiva sobre a infância. Naquela ocasião, apresentei um conjunto de obras publicadas e/ou traduzidas em Portugal entre o final do século XVII e o século XVIII, que versavam sobre os cuidados relativos à infância. Tais produções impressas foram tomadas como tecnologias de produção da subjetividade e, portanto, operavam efetivamente no processo de constituição do sujeito infantil moderno. Um dos aspectos que chamei a atenção foi a inexistência/escassez de obras publicadas para orientar a boa educação às meninas. Pode-se afirmar que, de modo geral, os impressos direcionados à criação dos infantis prescreviam práticas de cuidado e de educabilidade tão somente específicas ao gênero masculino, relegando poucas páginas, ou efêmeros enunciados, aos modos de como se educar meninas.<sup>3</sup> No entanto, posteriormente, localizei nas narrativas hagiográficas do período Moderno, a existência de um conjunto mais amplo de assertivas que prescreviam modos de educar meninas a partir de textos, redigidos em Portugal e na Espanha, que desenvolviam o tema da infância dos santos.

---

<sup>3</sup> Comumente, estes enunciados se constituíam em pequenos excertos que alertavam a interdição do uso de espartilhos pelas mulheres, limitassem o espaço de criação das meninas por meio da constante vigilância, realçassem a importância de as mulheres aprenderem a leitura e de alguns conhecimentos gerais, para que no futuro, não enfadassem seus maridos com temas incômodos, tediosos, inferiores, etc. Vale, aqui, ressaltar o texto de Eliane Fleck e Mauro Dillmann que, a partir das relações de gênero vigentes no século XVIII, descrevem como um frade dominicano indicava as melhores soluções para serem empregadas na resolução de problemas matrimoniais. Ver: FLECK; DILLMANN, 2014, p. 223-250.

Portanto, a partir de uma associação ao conceito de regime de educabilidade<sup>4</sup> e dos alargamentos das fontes, perceberei as obras pedagógicas e religiosas que retomavam o tema da infância dos santos, com a intenção de analisar os discursos sobre os modelos exemplares de vivência e de espiritualidade católica como possíveis práticas de educar crianças e, especificamente, o gênero feminino. Tomando como principal fonte de análise um conjunto de enunciados que discorriam sobre a infância de mulheres santificadas, percebemos como recorrência as proposições que indicavam a manutenção da castidade, a valorização das constantes orações, a renúncia aos bens e valores, a resistência às práticas profanas e aos pecados/, entre outras assertivas que pretendiam educar meninas puras, obedientes e guiadas na fé cristã.

Para melhor sistematização de análise e pelos limites deste texto, optou-se por escolher uma única obra para investigação. Deste modo, dividiu-se a presente investigação da seguinte forma: primeiro, situa-se as narrativas hagiográficas como sendo práticas de educabilidade; segundo, apresenta-se a fonte de pesquisa e o autor da obra em análise, a partir do contexto de editoração e das interações sociais-religiosas hispânicas do século XVIII; terceiro, por meio de uma analítica-descritiva dos excertos da obra, inferimos os possíveis modelos de educabilidade feminina que foram propostos na hagiografia explorada. Por fim, apresenta-se os principais resultados obtidos e os possíveis

---

4 Importante esclarecer que cada sociedade, a seu tempo, admite seu próprio regime de educabilidade. Tais regimes são construídos por discursos de interesse institucional, político, econômico e social. Dito de outra maneira, são modos de dizer e ver a educação de uma dada sociedade, através de um sistema microfísico de poder, cujo efeitos discursivos produzem um esperado resultado. Assim sendo, formam possibilidades de constituir modos de subjetivação. Sugerem-se: a ideia de *regime de educabilidade* enunciada em MAGALHÃES, 2011; a noção de *regime de verdade* em FOUCAULT, , 1987.

novos contornos da pesquisa que se estende por obras deste cunho que foram impressas na Península Ibérica entre os séculos XVII e XVIII.

### **A HAGIOGRAFIA COMO UMA PRÁTICA DE EDUCABILIDADE**

Em linhas gerais, as hagiografias se constituem como narrativas das vidas de santos, que em vida foram exemplares de acordo com os dogmas e as crenças do catolicismo. Em concordância com o pensamento religioso, suas vidas deveriam servir como espelho para aqueles que buscassem a salvação divina.

O termo hagiografia vem do grego, *hagios* que significa santo e *grafia* relativa à escrita. O nexu hagiografia foi comumente utilizado desde o século XVII, “momento em que se iniciou o estudo sistemático e crítico sobre os santos, sua história e culto”, seja para designar o “novo ramo do conhecimento”, como para identificar o “conjunto de textos, que tratam de santos com objetivos religiosos” (SILVA, 2008, p. 74). Segundo Andréia Silva (2008, p. 75) os textos de natureza hagiográfica possuem como mote temático a biografia, narrativas de feitos ou “qualquer outro elemento ao culto de um personagem considerado santo, seja um mártir, uma virgem, um abade, um monge, um pregador, um rei, um bispo ou até um pecador arrependido”.

Metodologicamente estamos situando o gênero narrativo da hagiografia dentro da historiografia. Por um lado, porque o discurso hagiográfico tem como principal característica o relato, neste caso a vida dos santos cristãos e, por outro, pelo fato de a santidade ser um tema recorrente em pesquisas acadêmicas. A correlação entre santo e a vida cotidiana, repleto de valoração destes sujeitos narrados, são importantes na constituição de representações de uma dada sociedade em

uma específica temporalidade. No caso das hagiografias aqui apresentadas, estamos tratando a categoria santidade entrelaçada com a questão de gênero, particularmente os referentes à infância feminina. Ao abordar a relação entre essas duas categorias, nos voltamos para as implicações da hagiografia como elemento de educabilidade na construção de práticas e representações do feminino infantil do setecentos hispânico.

Procederemos aqui, das representações sobre o feminino infantil, considerando que esse gênero atua como elemento de constituição dos sujeitos, na medida em que também é inculcido um fenômeno de educabilidade. Na perspectiva foucaultiana de discurso, poder e controle, observaremos que a produção de santidades femininas, a partir de uma narrativa hagiográfica sobre sua infância se constitui como um mecanismo de propagação de condutas, valores, morais, portanto, de práticas de educabilidade, institucionalmente encampadas pela Igreja Católica.

Estudos sobre a relação entre o feminino e a condição de santidade têm conquistado a atenção de estudiosos de várias áreas na intenção de perceber como esse fenômeno auxilia na compreensão de um contexto educativo/religioso. Esse é o caso, por exemplo, da pesquisa de Fernando Cauti (1994), sobre hagiografias reais e imaginárias para a Colômbia Colonial. Significativo, na medida em que aborda como o culto popular aos cânones consagraram uma tradição de devoção a personagens que nem sempre foram elevados aos altares, mas que fazem parte de inúmeros impressos, manuscritos e/ou referenciados em textos diversos. O autor, também acredita que as hagiografias constituem uma valiosa fonte para o estudo da cultura e da mentalidade colonial, uma vez que os protagonistas daquelas “vidas exemplares” não foram somente homens e mulheres dotados de virtudes, senão membros de uma

sociedade piedosa cujo fervor religioso promoveu canonizações e divulgação de diversos cultos populares.

As hagiografias se organizam enquanto documentos que possuem estrutura muito similares umas com as outras. De acordo com Cristina Sobral (2005, p. 101) existe uma linha temporal que os hagiógrafos se utilizam para construir as narrativas. Em primeiro lugar, dever-se-ia falar sobre a infância e filiação, seguida da descrição do período de maturidade do santo, momento em que cumpriria um ou mais modelos de santidade, por conseguinte a pormenorização do relato da morte, especialmente caracterizada por algum contato com o divino, espiritual, mítico e, por fim, elementos do pós-morte, como se desenvolveu o culto fúnebre, os milagres póstumos, as potenciais relíquias e a ocorrência de transladações.

Não somente temos o interesse em compreender a estrutura do documento hagiográfico, mas também entender quais eram as principais características sociais descritas na etapa da infância daquelas mulheres biografadas que viriam a se tornar santas. Michel de Certeau (1975) nos alerta que, a via de regra, essas biografadas eram de origem nobre ou tinham algum tipo de associação política ou religiosa com sua região. Nesse sentido, que a análise sobre o texto hagiográfico deve estar pautada não somente na interação entre a vida e assistência espiritual do santificado, como no contexto em que o santo estava inserido, passando, necessariamente, a se ocupar do contexto temporal e social. Como afirma Certeau (1975, p. 242) que cada “vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma manifestação graças a combinação topológica de virtudes e milagres”. O autor também estabelece um conjunto de aspectos não menos importantes, como a associação do santo à algum lugar, momento em que se busca divulgar

uma imagem que consolida ainda mais a fé de um específico grupo social. A identificação alegórica do santificado como um herói, seja por seus milagres, resolução de querelas ou por embates com o diabo ou criaturas dessa natureza, também se constitui como uma metodologia dos hagiógrafos. Para Certeau o relato hagiográfico seria, então, uma espécie de mecanismo difusor produzido pela Igreja para expandir o cristianismo em termos de evangelização, entretenimento social que relacionava o divino com uma vida exemplar.

Nesse sentido, textos hagiográficos são percebidos como importantes fontes que ampliam o leque de possibilidades para se investigar práticas educativas femininas, uma vez que são raras as publicações pedagógicas direcionadas, especificamente, ao ensino de meninas na centúria do Setecentos ibérico.

Valer mencionar que, nas primeiras hagiografias, era comum ser enunciado a presença de monstros, combates com demônios, embates pessoais contra distintas tentações e desejos da carne e as constantes práticas de reclusões. Nessas narrativas, prevalecia como cenário os lugares desertificados e as florestas. Tais espaços simbolizavam possíveis refúgios espirituais dos santos, lugares que Deus oferecia como livres de corrupção. Porém na Alta Idade Média e durante o período Moderno, estes recursos textuais foram, paulatinamente, sofrendo silenciamentos, pois a Igreja assume progressivo pensamento contra o elemento mágico.

A partir dessas considerações, podemos afirmar que o texto hagiográfico é composto por duas propriedades. A primeira, que está vinculada ao relato da vida do santificado, suas vivências terrenas, os desafios enfrentados durante sua perseguição ou aproximação com o demoníaco. A segunda, marcada pelas convicções da doutrina cristã,

especialmente no que se refere ao seu aspecto salvífico. Nesse sentido que a narrativa hagiográfica, ao mesmo tempo que se constitui como elemento histórico é, também, mítica. Mítica, pois a descrição humana é narrada por meio de uma transcendente aura divinal, que só poderia ser conferida a quem merecesse a santidade. A hagiografia, então, transita entre dois mundos, o natural e o sobrenatural, cujo santo formaria um elo entre eles.

De modo muito geral, as mulheres, por excelência, santificam-se na esfera privada, enquanto para os homens, a santidade se eleva no âmbito público. Do mesmo modo, percebe-se que as mulheres santificadas são produtos de valores morais, de resiliências, de reclusões, de práticas piedosas, enquanto o homem assume a condição de santo por meio de ações heroicas, bravas, de lutas, em um universo narrativo bem mais miraculoso. Essa distinção demonstra uma clara relação das funções definidas socialmente para os dois gêneros nos contextos analisados.

A partir dessa incipiente análise historiográfica sobre as escritas hagiográficas e sua potencial associação com as práticas de educabilidade, avançamos na perspectiva de apresentar um religioso que se valeu, claramente, dos textos hagiográficos para educar infantis em uma obra de relativo sucesso editorial. Cabe destacar, por fim, que as citações diretas e indiretas da obra, que aqui serão apresentadas, foram livremente traduzidas do espanhol do Setecentos para o português contemporâneo.

**"RECUERDO DE LA NIÑA CHRISTIANA": A INFÂNCIA ILUSTRADA EM UMA OBRA DO BISPO REFORMISTA JUAN ELÍAS GÓMEZ DE TERÁN**

O religioso espanhol Juan Elías Gómez de Terán nasceu em Madri no ano de 1688 e faleceu na cidade de Monfort em 1758. Teve formação jesuíta na Universidade de Alcalá de Henares, onde estudou cânones e teologia. Por volta de 1710 foi ordenado sacerdote, passando a ocupar importantes cargos na corte do Rei Felipe V (1683-1746), tornando-se, inclusive, capelão de honra e reitor do Paço Real.

Em 1738, Terán foi ascendido pela Santa Sé ao cargo de Bispo de Orihuela, parte da província de Alicante, na atual região sudeste da Espanha. Destacou-se por ser um bispo reformista proeminente do Iluminismo na Igreja Católica. Este comportamento destoante dos demais religiosos do seu período, fez com que o bispo respondesse a muitos processos judiciais entre as comunidades religiosas e locais. Fundou o Seminário de San Miguel, na própria diocese de Orihuela, e estendeu a construção de templos religiosos por toda região de Alicante, como em San Vicente del Raspeig, La Romana, Pinoso e Elche.

Juan Terán foi o autor da volumosa obra, composta de vinte e quatro volumes, intitulada *Assistencia de los fieles a los divinos oficios y missas del año: donde se hallara el seglar aprovechado. Tocante a lo que se canta em la iglesia. Y ritos conforme a lo mandado por ele Santo Concilio de Trento (1736-1738)*. Porém, a obra que mais se destacou, devido ao seu número de reedições, foi *Infancia ilustrada y niñez instruida en todo genero de virtudes Christianas, Morales, y Politicas, que conducen à la santa educacion, y buena crianza de las Niñas*. O quadro abaixo apresenta um demonstrativo das edições de *Infancia Ilustrada*:

**Quadro 1** – Relação das edições da obra *Infancia Ilustrada*

Edição	Ano	Casa Editorial	Local
1ª	s.n.	Juan Francisco Piferrer	Barcelona
2ª	1720	Manoel Roman	Madri
3ª	1729	Joseph Rodriguez de Escobar	Madri
4ª	1735	Oficina de Antonio Marin	Madri
5ª	*		
6ª	1749	<i>Oficina de Joseph Estevan Dolz</i>	Valencia
Compilada	1766	Imprenta de Francisco Moreno	Zaragoza

**Fonte:** levantamento realizado a partir do Catálogo da Biblioteca Nacional da Espanha (BNE). \* Até o momento não foi localizada nenhuma informação sobre a quinta edição.

A obra *Infancia Ilustrada* é um impresso de cariz pedagógico-religioso, direcionado aos pais que desejavam educar seus filhos por meio de instruções cristãs, bem como às crianças leitoras que pretendiam ter sua vida conduzida pela fé católica. O compêndio, formado por quatro tomos que totalizam cerca de 576 páginas, foi didaticamente organizado em lições e exemplos. As *lições* consistem em ensinamentos catequéticos, de bons comportamentos morais, muito próximos das virtudes teológicas. Todavia, tais recomendações extrapolam a vivência Cristiana e oferecem direcionamentos sociais e urbanos aceitos e partilhados à época. Já, os *exemplos*, narram hagiografias de diversos santos, principalmente no que se refere à condição de infância destes sujeitos santificados.

Somente uma lição foi direcionada à formação de meninas, tratar-se-ia da *Liccion XLV De la particular crianza, y educacion santa de las niñas*, composto por quatro páginas e outras três em que se apresenta um único exemplo. Nesta lição, Terán destaca a importância de as

meninas desconhecerem o uso de palavras torpes e desonestas, não aprenderem cantigas mundanas, senão aquelas que se voltam à Deus, de se juntarem somente a outras meninas reconhecidas como virtuosas. As meninas, de acordo com o bispo, nunca deveriam se aproximar dos meninos, bem como conversar em demasia com as criadas. Deveriam, também, aprender algum tipo de instrumento e aos variados gêneros de música. Segundo o religioso,

Sua mãe ou sua aia devem ser virtuosas e devem ensinar à menina, desde pequena, a frequência das orações, o manuseio das linhas e agulhas, a tecer telas de estame. Vestindo a menina, não por vaidade, mas sim para sua decência e proteção ao frio. A comida deverá ser moderada, de modo que após a refeição possa ler e rezar (TERÁN, 1729, p. 307).

Quando a menina chegasse aos sete anos de idade, na concepção de Terán, deveria saber a ter vergonha. Cabendo, então, à sua mãe evitar que a filha tenha olhares muito alegres ou desenvoltos, refreando-as e as corrigindo quando necessário. Era importante que as meninas soubam “quando devem calar, o que podem escutar, e o que podem falar” (TERÁN, 1729, p. 308). O cerceamento e isolamentos das meninas em suas casas, também foi objeto de atenção do religioso que atestava que “não deverão sair de casa, porque não se criam as meninas para os negócios de fora, senão que as conservem dentro de casa” (TERÁN, 1729, p. 308). As idas à igreja também não deviam se dar em demasia, uma vez que as filhas do Rei Cristo, têm dentro do retiro e solidão de seus aposentos a inspiração de Deus, de modo que suas devoções devem estar dentro da clausura da sua própria alma. “Se guardem, se escondam e não mostrem um rosto alegre”, porque “o rosto triste corrige o ânimo delinquente” (TERÁN, 1729, p. 308-309).

Prerrogativas como ficar ociosa, olhar curiosamente às pessoas os seus adornos e trajas, conversar com mulheres estrangeiras, reparar os homens, usar enfeites nos cabelos e ser amante de bailes, eram vistas como perigosas e não contribuía para que a menina permanecer virtuosa. Terán (1729, p. 309) afirmava que estes vícios deixavam a menina “feia, ainda que lhes adornem [...] seu rosto de bom será ruim, de formoso será feio” causando muitas confusões para seus pais.

A partir destas considerações, consideremos pertinentes ampliar os enunciados que tratam da educação das meninas. Para isso, vamos nos valer das narrativas que Terán fez sobre a vida infantil de mulheres santificadas. Como destacamos anteriormente, estas descrições eram metodologicamente utilizadas pelo autor nos *exemplos*. E, para isso tomaremos como fonte a edição compilada de *Infancia Ilustrada* que foi impressa em 1766 na cidade de Zaragoza. Trata-se de uma organização muito específica do compêndio de Terán, pois foi criado por uma anônima “señora devota” que selecionou somente os exemplos que aludiam narrativas sobre as perfeições das meninas e jovens que haviam adquirido a santidade.

### **ENUNCIABILIDADES DA BOA EDUCAÇÃO FEMININA NOS EXEMPLOS HAGIOGRÁFICOS**

O primeiro aspecto que destacamos nas exemplificações de acontecimentos e situações que envolviam a vida de santos desde os seus primeiros anos de vida e, em especial, nas primeiras ocorrências de uma futura santidade, é a predisposição dos sujeitos para enfrentarem o demônio, que se colocavam em vida para testar a fé das crianças. Este é o primeiro caso narrado por Terán, onde acusa uma cigana de prometer

para uma menor um futuro marido mediante um pacto. Na descrição do bispo, o acordo realizado entre a jovem e a cigana foi do seguinte modo:

[...] em uma bacia cheia de água, deveria colocar os pés descalços a uma determinada hora, para conseguir ver na água o rosto, que deveria ter seu futuro esposo. A pobre infeliz, colocou em execução o pacto, ao olhar a água, viu aberto o Inferno, e o bando de Demônios, preparando-se para arrebatá-la. Cheia de horror, e espanto, mostrou no rosto o que sentia em seu coração (TERÁN, 1766, p. 7).

A descrição do ocorrido assinala para a insistência da Igreja em enunciar a tópica que indicava a precocidade que os infantis deveriam ter pelos mistérios e dogmas da fé cristã, como por exemplo a aprendizagem do “valor e da prática da renúncia juvenil aos prazeres e ideais profanos” (OLIVEIRA, 2007, p. 166). De modo muito geral, os hagiógrafos tendem a demonstrar como a fé pode ser colocada à prova, “a sofrerem as tentações demoníacas e a resistirem heroica e estoicamente ao pecado” (OLIVEIRA, 2007, p. 167).

As primeiras hagiografias exploradas na obra são a infância de Jesus, segundo uma revelação de Maria à Santa Brígida. Não obstante, esta etapa da vida de Jesus, na tradição hagiográfica, foi certamente a mais divulgada e explorada como exemplificação de vida, se constituindo, assim como um espelho para a aprendizagem dos infantis e jovens cristãos. A narrativa da hagiografia do Menino Jesus destaca uma precoce disposição para a santidade, renunciando até mesmo os hábitos próprios de sua idade. De acordo com Oliveira (2007, p. 167),

De fato, os hagiógrafos tanto procuram omitir nos relatos das infâncias dos santos, a referência aos gestos e às ações próprias das crianças – seja dormir, comer, mandar, brincar ou cavalgar –, como a menção a situações

reveladoras da habitual passividade infantil, nomeadamente as que evidenciam submissão, respeito ou obediência face aos adultos, optando por apenas lembrar exemplos de afirmação precoce de várias atitudes de abstenção, renúncia ou coragem. Enunciadas de forma a contrastar com as que caracterizavam a maioria das crianças, elas permitiam apresentar os futuros santos como jovens excepcionais que não se comportavam conforme o padrão próprio da sua idade.

Desde menina Santa Francisca Romana deu mostras das heroicas virtudes [...]. De acordo com a ama que a criava, sempre desnuda, a menina se recobria na ocasião de estar presente algum homem, ainda que fosse o próprio pai, era tanta amargura no seu choro, que não era fácil acalmar a menina, até que a ama a cobrisse. [...] Diferente dos entretenimentos das outras meninas, ela se consagrava à Deus por meio do recolhimento e de orações.[...] Santa Francisca refreava seus sentidos, especialmente o tato, impedindo assim que a menina fizesse qualquer carícia, incluindo seu pai, jamais consistiu em beijar-lhe, nem chegou a tocar seu rosto. [...] Resplandecendo futuramente na virtude da castidade, servindo de exemplo para meninas, casadas e viúvas (TERÁN, 1766, p. 18-19).

Já sobre a narrativa acerca da vida infantil de Santa Rosa de Lima, percebe-se uma clara intenção de alertar as meninas e jovens sobre os perigos que a vaidade feminina poderia causar. Terán afirmava que a Menina Rosa na idade de cinco anos, estava entretida em uma diversão com seu irmão mais velho, e nesta brincadeira ficou com o cabelo repleto de lama. A menina se sentindo suja, sacudiu como pôde os cabelos. Correndo o risco de impressionar lascivamente seu irmão, que a preveniu sobre tal ocorrido. Assustada, a Menina Rosa “fez voto de castidade; cortou os cabelos, para que não servisse, de estorvo aos seus propósitos:

com que as inocentes brincadeiras fizessem a menina a maturidade de juízo para se converter à Deus, [...] apreciando sua felicidade eterna na prerrogativa de ser virgem e conservando a graça do batismo, que não perdeu durante toda a vida” (TERÁN, 1766, p. 21).

Já, o caso de Santa Brígida de Suecia, foi descrito a partir de um relato de autopunição em que a Santa teria se “colocada desnuda e de joelhos diante de um crucifixo, mandou trazer uma vara para se castigar” (TERÁN, 1766, p. 23). Semelhante caso de flagelo foi enunciado para Santa Clara de Monte-Falco que após sucessivas aparições do demônio, por meio de visões, começou aos sete anos a tratar seu corpo asperamente, amarrando cordas em sua carne, disciplinando até derramar sangue (TERÁN, 1766, p. 27). A incitação às práticas de jejuar com frequência e de realizar exercícios de mortificação corporal parecem dar tônicas ao discurso de Terán sobre a educabilidade das meninas em um contexto hispânico setecentista, onde a educação feminina não partilhava das mesmas valorizações educativas e transformações sociais masculinas. A maioria das meninas, neste contexto europeu setecentista, não se inseriam na cultura letrada, reservada às filhas dos nobres e dos mais privilegiados, portanto, às aristocracias urbanas e fidalgas. No entanto, a religião católica não somente exerceu um domínio sobre a devoção da população, como também promoveu uma série de discursos que orientavam modos de vida, no âmbito familiar e da vida privada, através de um regime de “bem viver”, que consistia em uma série de instruções, aconselhamentos e regras para se educar o corpo, a mente e a alma (RIPE; AMARAL, 2017, p. 316-317). Outro semelhante exemplo sobre a prática de leitura trazido por Terán é o caso de Santa Tereza de Jesus, que desde os sete anos, juntamente com seus pequenos irmãos,

realizava constantes orações, bem como se colocava a ler a vida dos Santos e dos martírios destes (TERÁN, 1766, p. 19).

Decerto, as narrativas hagiográficas se valeram da estratégia da criação simbólica da criança-santo, cuja representação indicava desde cedo o desapego aos bens materiais, o distanciamento ou a recusa de participar das festas, jogos e brincadeiras infantis, a preferência por ocupar o tempo por meio de orações e visitas às igrejas.

Santa Isabel, Real Infanta de Hungria mostrava muito amor aos mais humildes, manifestando uma singular afinidade pela caridade desde a mais tenra idade. Durante seus primeiros anos doava a própria comida em troca de orações. Mesmo ocupando a condição fidalga, fugia do palácio para cumprir suas devoções. Era agradável para com as suas damas e com as criadas. Ainda quando Infanta viu sua Mãe Rainha ter a vida quitada por “traidores, vassalos sujos, que na ocasião de estar ausente seu Pai, o Rei, que havia ido para as guerras na África”. Mesmo que fosse justa a vingança, Isabel da Hungria queria tão somente o amor de Cristo, pedindo para seu pai que perdoasse aqueles assassinos.

Os textos hagiográficos não deixam de mencionar as aprendizagens de leitura, de modo a distinguir as crianças dotada de uma educação letrada. Essa preparação letrada em muito é considerada essencial e indispensável para o domínio das reflexões da fé contidas nos textos sagrados. Basta analisarmos o caso que o bispo Terán descreveu sobre Santa Maria Magdalena de Pazis, que mesmo ainda “sem saber ler e menos entender Latim”, sobre influência de São Atanásio, começou a ler “tudo com atenção, devoção e com certo instinto” (TERÁN, 1766, p. 29). A entrega precoce ao estudo das letras pode ser percebida como um mecanismo que promove a necessidade de as meninas serem instruídas

para acompanhar os textos catequéticos e sagrados. E, como vimos neste caso da infância de Maria Magdalena de Pazis a autoinstrução.

Em geral, as crianças cristãs deveriam respeitar uma rotina muito calcada nos preceitos católicos, tendo como exemplos os modelos hagiográficos, que eram difundidos desde a Idade Média, que apresentavam a “boa educação” através de narrativa sobre a infância dos santos.

É sabido que desde o século XII no Ocidente medieval as hagiografias desenvolviam a temática da infância dos santos na intenção de promover “modelos de vivência e espiritualidade a incutir desde cedo nos jovens cristãos e respectivos educadores”. Estas hagiografias persistem prematuramente no apego infantil tanto às doutrinas e máximas da fé católica, como à aprendizagem da significação e da prática da renúncia aos prazeres e ideais profanos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa que foi aqui apresentada ainda está em processo inicial e tem como principal objetivo a análise dos modos de educação feminina e das práticas de educabilidades, presentes em algumas narrativas hagiográficas sobre a infância de mulheres santificadas, direcionadas por impressos religiosos e pedagógicos dos séculos XVII e XVIII, nos reinos ibéricos. Neste primeiro exercício analítico, nos valem exclusivamente de um copilado da obra *Infancia ilustrada* [...] organizado por uma anônima que extraiu as principais hagiografias de mulheres santificadas presentes no impresso pedagógico original do bispo Juan Elias Gomez de Terán, ambos publicados na Espanha no século XVIII.

Procuramos destacar ao longo deste texto como a educabilidade se constitui como um campo próprio para o estabelecimento e organização

dos papéis de gênero. Evidente que este processo de formação não se restringe tão somente aos espaços de escolarização, mas numa perspectiva mais ampliada em que as variadas práticas sociais e culturais se propagam como efeito educativo. Assim, compreende-se que os discursos que organizam um determinado regime de educabilidade são, em geral, fenômenos educativos, pois são transmitidos e se convertem como realidades educativas.

Vimos, também, que o santo é a figura central nas narrativas hagiográficas e, portanto, ele é o herói cuja transmutação da realidade e da comunicação com o mundo sobrenatural se configuram como espelhos entre o natural e o divino. Desta feita, a hagiografia mostra o caminho da virtude, o modelo que deve ser seguido por uma sociedade devota. Esta tipologia de escrita além de popularizar o culto aos santos, também assumia a função de incutir nos sujeitos cristãos as doutrinas morais, políticas e psíquicas, a fim de assegurar o controle e governo de uma população, neste caso os sujeitos femininos infantis.

Tomando como chave de leitura teórica o entendimento de Michel Foucault (2014, p. 41) de que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que trazem consigo”, percebemos os textos hagiográficos como parte de uma dinâmica da Igreja que se apropriou da cultura impressa para expandir seu doutrinação religioso. Do mesmo modo, podemos entender na perspectiva de Roger Chartier (1990), de que a cultura é um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. Assim, seria adequado supor o caráter disciplinador que o religioso Terán assume ao expor lições e exemplificações moralizantes que pretendiam manter e consolidar as ordens

monásticas, a inculcação à vida religiosa, considerando ser a obediência um importante aspecto da hierarquia da Igreja Católica.

Por fim, cabe destacar que, nesta investigação, identificamos que a promoção de modelos de conduta femininos prescritos nas hagiografias estava alinhada com o contexto histórico. Uma vez que, na Espanha do Setecentos, se intentava modelar uma infância específica, por meio de princípios edificantemente virtuosos, repletos de práticas caridosas, solenes, dignas, piedosas, inocentes, recatadas, imaculadas e castas.

## REFERÊNCIAS

- CAUTI, Fernando Iwasaki. Vidas de santos y santas vidas: hagiografías reales e imaginarias en Lima colonial. **Anuario De Estudios Americanos**, v. 51, n. 1, p. 47–64, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **La escritura de la Historia**. México: Universidad Iberoamericana, 1985, pp. 287-294.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.
- \_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- LUCAS, Maria Clara de Almeida. **Hagiografia medieval portuguesa**. Lisboa: ICALP, 1984.
- OLIVEIRA, Ana Rodrigues de. **A criança na Sociedade Medieval Portuguesa**. Lisboa: Teorema, 2007.
- RIPE, Fernando; AMARAL, Giana Lange do. “No hay niña alguna, cuyo entendimiento sea tan limitado”: ordenamentos para a educação de meninas na obra Carta de un padre de familia, do Abade Antoine Pluche, Espanha (século XVIII). In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; DILLMANN, Mauro. (Org.). **Escritas e Leituras: temas, fontes e objetos na Iberoamérica, séculos XVI-XIX**. 1ªed.São Leopoldo: Oikos, 2017, p. 295-318.

\_\_\_\_\_. **A constituição do sujeito infantil moderno na cultura impressa portuguesa do século XVIII.** 2019. 325 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas/UFPel, Pelotas, 2019.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. **Reflexões sobre a hagiografia Ibérica Medieval:** um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2018.

SOBRAL, Cristina. O modelo discursivo hagiográfico. Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica da Literatura Medieval. **Actas...** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 97-107.

TERÁN, Juan Elias Gomez de. Infancia ilustrada y niñez instruida en todo genero de virtudes Christianas, Morales, y Politicas, que conducen à la santa educacion, y buena crianza de las Niñas. Zaragoza: Impenta de Francisco Moreno, 1766.

\_\_\_\_\_. Infancia ilustrada y niñez instruída em todo genero de virtudes Christianas, Morales, y Politicas, que conducen à la santa educacion, y buena crianza de los niños. Para que se le usen en la escuela. Dispuesto em lecciones, com un exemplo al fin de cada uma, tomado de la niñez de alguno de los Santos. Madri: por Joseph rodriguez de Escobar, 1729.